

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 22 • 2015



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2015

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Doutora Laure Salanova (CNRS, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Rui Morais (Universidade do Minho)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 22 • 2015 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

*Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – M. Fernandes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Gráficas Amares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

ÍNDICE GERAL / CONTENTS

PAULO VISTAS	
Prefácio	
<i>Foreword</i>	5
JOÃO LUÍS CARDOSO	
A investigação da antiguidade do Homem no Portugal de Oitocentos: um contributo para a História da Ciência	
<i>The antiquity of man's research in Portugal during the nineteenth century. A contribution to the History of Science</i>	9
JOÃO LUÍS CARDOSO	
Carlos Ribeiro (1813-1882), as formações quaternárias portuguesas e a antiguidade do homem: um manuscrito desconhecido	
<i>Carlos Ribeiro (1813-1882), the Quaternary Portuguese formations and the antiquity of Man: an unknown manuscript</i>	43
JOÃO LUÍS CARDOSO	
Na Estremadura do Neolítico Antigo ao Neolítico Final: contributos de um percurso pessoal	
<i>From Early to Late Neolithic in Estremadura, Portugal. Contributions of a personal scientific career</i>	93
JOÃO LUÍS CARDOSO, ANA CATARINA SOUSA & MARIA DA CONCEIÇÃO ANDRÉ	
O povoado do Carrascal (Oeiras). Estudo das ocupações do Neolítico Final e do Calcolítico	
<i>The Carrascal settlement. Study of the Late Neolithic and Chalcolithic occupations</i>	139
NUNO NETO, PAULO REBELO & JOÃO LUÍS CARDOSO	
O povoado do Neolítico Final e do Calcolítico da Travessa das Dores (Ajuda – Lisboa)	
<i>The settlement of the Late Neolithic and Chalcolithic Travessa das Dores (Ajuda – Lisbon)</i>	235
CLÁUDIA COSTA & FRANCISCO ROSA CORREIA	
A componente animal no Calcolítico Pleno da Estremadura portuguesa: o conjunto de fauna do Alto de Santo Antão (Óbidos)	
<i>Animal component in the Portuguese Estremadura Middle Chalcolithic: the assemblage of Alto de Santo Antão (Óbidos)</i>	281
ANTÓNIO P. GONÇALVES, ANTÓNIO M. MONGE SOARES, MARIA JOSÉ OLIVEIRA, LUIS CERQUEIRA ALVES, PEDRO VALÉRIO & JOÃO LUÍS CARDOSO	
Caracterização de uma conta de vidro proveniente do povoado fortificado calcolítico da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira)	
<i>Characterization of a glass bead from the Chalcolithic fortified settlement of Moita da Ladra (Vila Franca de Xira)</i>	291

ANA MARGARIDA ARRUDA & JOÃO LUÍS CARDOSO A necrópole da Idade do Ferro de Vale da Palha (Calhariz, Sesimbra) <i>The Iron Age necropolis of Vale da Palha (Calhariz, Sesimbra)</i>	301
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO Era aqui que Febo adormecia <i>This Was the Place Where Phæbus Fell Asleep</i>	315
MARTÍN ALMAGRO-GORBEA <i>Sacra Saxa</i> . 'Peñas Sacras' propiciatorias y de adivinación de la <i>Hispania Celtica</i> <i>Propitiatory and Divination 'Sacred Rocks' in Celtic Iberia</i>	329
PAULO OLIVEIRA RAMOS Sobre as causas do martirologio dos (nossos) monumentos <i>On the causes of the martyrology of (our) monuments</i>	411
CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DO CONCELHO DE OEIRAS Relatório das Actividades desenvolvidas em 2014	423

A NECRÓPOLE DA IDADE DO FERRO DE VALE DA PALHA (CALHARIZ, SESIMBRA)

THE IRON AGE NECROPOLIS OF VALE DA PALHA (CALHARIZ, SESIMBRA)

Ana Margarida Arruda¹ & João Luís Cardoso²

Abstract

In January of 1958 four rectangular graves with inhumations were identified through rural works carried out in Vale da Palha (Sesimbra). Eduardo da Cunha Serrão came in the field and was informed that all the skeletons had a vase with them. These data were published in 1974, and the necropolis was dated in the late roman times, IV century AD. This chronology was based in a graffito incised in one of the vases that was assimilated to a M of the Latin alphabet. Only two of the three vases recovered are now available to study. They are hemispheric bowls and they could be included in Iron Age Grey Polish Pottery category. In morphologic terms, they correspond to the most frequently form of this pottery, present in almost every orientalisised sites of the Iberian Peninsula. Both graffiti could be also related with a Mediterranean tradition.

The presence of an Iron Age necropolis in the area isn't a surprise, because in the Estuary of Sado's river the remains of communities with a Mediterranean origin are well known.

Keywords: Iron Age, Necropolis, Grey Polish Pottery, Graffiti, Sesimbra, Portugal.

1 – LOCALIZAÇÃO E HISTÓRIA DAS INVESTIGAÇÕES

A necrópole de Vale da Palha situava-se a cerca de 1200 m para NE do Palácio do Calhariz, em terreno com suave pendor (Fig. 1), tendo sido identificada em Janeiro de 1958, no decurso de uma lavra dos terrenos, que pôs a descoberto diversas lajes que formavam os lados e as tampas de sepulturas de inumação. Em Fevereiro do mesmo ano, Eduardo da Cunha Serrão, alertado por Manuel da Silva Cachão, procurador da Casa Palmela, proprietária dos terrenos, compareceu no local, tendo fotografado e medido os vestígios ainda visíveis no terreno; não lhe foi possível, contudo, aceder aos materiais osteológicos e arqueológicos assim circunstancialmente recolhidos, embora tenha observado diversos espólios cerâmicos a que atribuiu época tardia, de mistura com cerâmicas de construção.

As escavações só vieram a efectuar-se em Setembro de 1962, e os resultados foram publicados muito mais tarde (SERRÃO, 1974), embora já anteriormente tivesse dado conhecimento do interesse arqueológico do local, em curtas referências inseridas em publicações de índole divulgativa.

¹UNIARQ (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa). a.m.arruda@letras.ulisboa.pt

²Universidade Aberta e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). cardoso18@netvisao.pt



Fig. 1 – Sondagem realizada por E. da Cunha Serrão e colaboradores no Vale da Palha, em Setembro de 1962. Em segundo plano, observa-se a “Pedra erguida”, monólito meniriforme, posteriormente transportado para o Palácio do Calhariz, o qual se implantava a cerca de 110 m a NE da necrópole explorada naquele mesmo mês e ano pelo referido arqueólogo. Original gentilmente cedido por João Pinhal.

2 – AS SEPULTURAS

Foram identificadas quatro sepulturas de planta rectangular, do tipo caixa, definidas por lajes de calcário colocadas verticalmente, cujos comprimentos variavam entre 1,70 m e 2,0 m e as larguras entre 0,60 m e 0,80 m, orientando-se o seu eixo maior aproximadamente E-W. Uma delas encontrava-se coberta com lajes de calcário e as restantes com pequenas lajes e telhas, configurando um núcleo principal, constituído por três delas, a que se junta uma quarta sepultura, a cerca de 14,5 m de distância, a qual não foi desmontada, ao contrário das anteriores, por se encontrar solidamente implantada no terreno.

3 – OS ESPÓLIOS

Não foi possível associar nenhum espólio actualmente existente a qualquer das sepulturas identificadas e registadas, o que se explica pelo facto de aquele ter sido recolhido aquando da descoberta acidental das sepulturas, cerca de ano e meio antes da intervenção conduzida por E. da Cunha Serrão. Assim, é crível que esta se tivesse destinado essencialmente à limpeza, ao registo e à remoção das sepulturas do terreno, para facilitar os trabalhos agrícolas.

Foram apenas três as peças registadas no estudo de 1974 dedicado à necrópole, das quais se destacam duas taças muito fragmentadas, mas cuja reconstituição foi possível. Tais espólios encontram-se cuidadosamente descritos no referido trabalho.

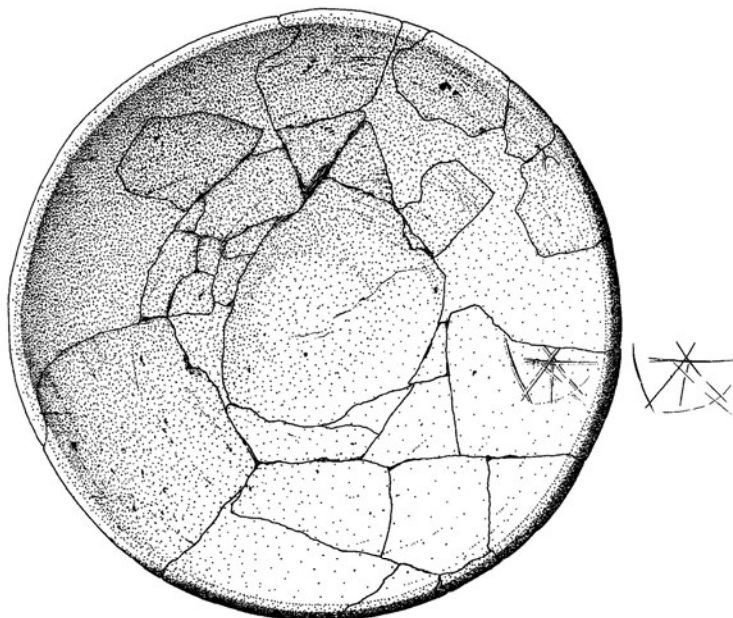
1 – Taça de cerâmica cinzenta com um diâmetro externo máximo de 24,2 cm, possuindo base plana, com 7,5 cm de diâmetro, uma altura média de 6,8 cm e uma espessura de 0,7 a 0,8 cm (Figs. 2 e 3). Possui, na face interna, interrompido por uma fractura, um grafito aparentemente em forma de estrela, mais ou menos irregular, associada a um segmento circular (Fig. 4, em cima).

2 – Taça de cerâmica cinzenta com um diâmetro externo máximo de 25,8 cm, possuindo base plana, com 7,5 cm de diâmetro e uma altura de 8,3 cm, a que corresponde a espessura de 0,6 cm (Figs. 5 e 6). Na face externa, próximo do fundo, exhibe grafito em forma de um M maiúsculo, produzido por linhas duplas, paralelas entre si (Fig. 4, em baixo).

3 – Fragmento de taça de cerâmica cinzenta, de maiores dimensões que as anteriores, munida de carena alta, e bordo convexo, com um diâmetro máximo estimado de 32 cm, a qual não se encontra presentemente conservada entre os espólios do Museu Municipal de Sesimbra, onde as anteriores se guardam.

4 – RITUAL FUNERÁRIO

Segundo o relato de Manuel da Silva Cachão, que assistiu à abertura das sepulturas, os esqueletos encontravam-se em decúbito dorsal, tendo cada um do seu lado direito e por altura da cintura pélvica, uma das taças acima descritas, embora, pelas razões apontadas, sem possibilidade de associação a qualquer das sepulturas. Infelizmente, nenhum material ósseo se conservou, impedindo assim a obtenção de datação absoluta.



5 – DISCUSSÃO

As duas taças de cerâmica cinzenta, apesar das suas características apontarem inquestionavelmente para a Idade do Ferro, realidade sublinhada pelos dois grafitos que ostentam, foram, aquando da publicação da necrópole, integradas na época romana. Esta opção decorreu, naturalmente, da deficiente informação que então existia sobre as produções cerâmicas da Idade do Ferro em Portugal, onde então eram quase desconhecidas,

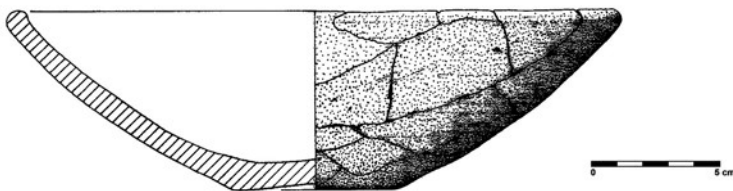


Fig. 2 – Vale da Palha. Desenho da taça n.º 1, possuindo grafito na face interna. Desenho de F. Martins.

com excepção dos notáveis materiais recolhidos por A. dos Santos Rocha em Santa Olaia, Figueira da Foz (ROCHA, 1905-1908) e por Vergílio Correia na necrópole do Olival dos Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal (CORREIA, 1928). Tal realidade explica em parte que a morfologia do grafito de uma das taças tenha sugerido a Justino Mendes de Almeida, a sua correspondência à letra maiúscula “M” do alfabeto latino, que assim só poderia corresponder ao *praenomen Marcus*, atribuindo tal peça, pelas características da letra, ao século IV d.C. (SERRÃO, 1974).

A hipótese de se tratarem de produções da Idade do Ferro também não condizia com o facto de a cobertura de duas das sepulturas incluírem telhas (sem que se especifique as suas características). Contudo, tal informação tem de ser vista com muita reserva, dado que a exploração das sepulturas, com o seu integral esvaziamento, não foi presenciada por E. da Cunha Serrão, que apenas pôde recolher testemunhos. Seja como for, também a arquitectura das próprias sepulturas, e as suas características, todas de inumação, apontaria para época ulterior ao século III d.C. No quadro conceptual da época, tal hipótese encontrava-se, pois, bem fundamentada, até porque nas imediações abundavam fragmentos de tégulas e de ímbrices.

A atribuição da necrópole do Vale da Palha à época romana persistiu até à actualidade (FERREIRA *et al.*, 1993, p. 261; SERRÃO, 1994, p. 100, 101; SILVA & SOARES, 1986, p. 202; CALADO *et al.*, 2009, p. 91), aceitando-se os argumentos acima apresentados, ainda que E. da Cunha Serrão tenha publicado, pouco depois da intervenção de 1962 que ali realizou, os resultados da escavação da necrópole do Casalão, situada a cerca de 5 km a Oeste do Vale da Palha, cujas sepulturas são muito semelhantes a estas, a qual foi, não obstante imediatamente datada da Idade do Ferro pela tipologia dos espólios nela recolhidos (SERRÃO, 1964). Infelizmente, dela não constava nenhum objecto cerâmico susceptível de comparação com as taças recolhidas no Vale da Palha, o que teria sem dúvida criado as condições para uma mais rápida revisão da idade desta necrópole. Só muito mais tarde, em 1994, declarou que “*as taças lembram cerâmicas indígenas como as de Santa Olaia, Azougada e Lapa do Fumo, e são testemunhos da influência duradoura dos costumes indígenas*” (SERRÃO, 1994, p. 101). Por outro lado, o grafito patente numa das taças (Fig. 4, em baixo), não deixou de merecer, no estudo publicado em 1974, judiciosas considerações sobre as dúvidas que permaneciam no seu espírito sobre a hipótese da sua cronologia ser pré-romana, as quais, pelo seu interesse, se transcrevem: “*Reforçaria a hipótese sobre uma maior antiguidade do que a propusemos para esta cerâmica do Vale da Palha, a possibilidade da letra M corresponder a um sinal sem relação directa com o alfabeto latino, o que não é totalmente descabido admitir-se uma vez que a forma surge nos alfabetos peninsulares pré-romanos e até noutros orientais antigos, quer na mesma posição do M latino quer em posição invertida (W)*” (SERRÃO, 1974, p. 136).

Aquela afirmação é interessante porque demonstra que, embora o autor não tenha abandonado a cronologia romana por ele atribuída à necrópole mais de trinta anos antes, admitia, apesar de tudo que as características das taças se reportavam a produções indígenas, mais antigas.

Assim sendo, impunha-se retomar a apreciação desta necrópole, justificada pela clara inclusão na Idade do Ferro das duas taças de cerâmica cinzenta, objecto deste contributo.

6 – AS CERÂMICAS DE VALE DA PALHA REVISITADAS

As duas taças de “cerâmica cinzenta” recuperadas na necrópole de Vale da Palha são praticamente iguais do ponto de vista morfológico, partilhando também características de fabrico.

Ambas têm cozedura redutora, sendo as superfícies cuidadosamente polidas ao torno, e a pasta é castanha alaranjada. São estas características que permitem integrá-las na categoria “Cerâmica Cinzenta Fina



Fig. 3 – Vale da Palha. A taça n.º 1, possuindo grafito na face interna. Fotos de J. L. Cardoso.

Polida”, que é, sem sombra de dúvida, um dos elementos mais característicos da cultura material do mundo orientalizador peninsular.

No que diz respeito à forma, integram-se ambas na forma 1Aa da tipologia recentemente elaborada para o Estuário do Tejo (SOUSA 2014, p. 290), que corresponde a tigelas de paredes arqueadas e côncavas, de perfil hemisférico, com bordo simples e contínuo, ligeiramente engrossado (*ibidem*, p. 133).

Este tipo de taças é muito frequente nos conjuntos de cerâmica cinzenta da Península Ibérica, tendo tido uma difusão consideravelmente ampla, o que não surpreende, uma vez que se trata de um recipiente que, sendo formalmente simples, é muito eficaz do ponto de vista funcional, podendo ser usado à mesa para conter e/ou consumir alimentos sólidos ou líquidos. Por isso mesmo está contido em todas as tipologias construídas para a cerâmica cinzenta (entre outras: BELÉN, 1976; ROSS, 1982; CARO, 1986; MANCEBO, 1994; LORRIO, 2008; SOUSA, 2014; VALLEJO SANCHEZ, 2015), quer as de âmbito regional, quer as mais amplas em termos geográficos. Entre as últimas, destaca-se a de Vallejo Sánchez (2015), na qual as tigelas da necrópole do Vale da Palha podem ser integradas no tipo A.I.1.d.-1 (*ibidem*, p. 146), uma vez que os bordos são tendencialmente encurvados, com ligeiro engrossamento interior. Os fundos, sem pé e apenas indicados, são planos, ainda que em uma delas haja uma ligeira concavidade.

Do ponto de vista da cronologia, pode dizer-se que a forma é conhecida desde os finais século VIII a.C., como bem demonstram os dados do Castillo de Doña Blanca (*ibidem*, p. 147, nota 92), perdurando até, pelo menos, aos finais do século V a.C. / primeira metade do IV, em algumas regiões, como é, por exemplo, o caso do litoral português. De facto, quer em Lisboa (SOUSA, 2014), quer em Castro Marim (ARRUDA & FREITAS, 2008), as tigelas em calote de esfera com bordos ligeiramente curvos e, por vezes, espessados internamente, estão presentes em níveis datados dos finais da 1.^a metade do 1.^o milénio a.C. / inícios da 2.^a metade, ainda que no último dos sítios haja detalhes que as afastam da morfologia canónica (*ibidem*). Contudo, a sua maior representatividade situa-se no século VI a.C.

A forma desaparece dos inventários na segunda metade do mesmo milénio, mesmo em sítios onde a cerâmica desta categoria permanece. No entanto, documenta-se em outros fabricos, nomeadamente na chamada cerâmica comum, atingindo a época romana.

Como já antes se referiu, a cerâmica cinzenta fina polida está muito bem documentada no Ocidente peninsular, em ambientes orientalizantes conectados, directa ou indirectamente, com a colonização fenícia. A sua presença no litoral ocidental português não é, assim, de estranhar, sendo de realçar o facto de a taça hemisférica ser sempre a forma dominante nesta categoria, como se verifica em Santarém (ARRUDA, 1999-2000, p. 196-205), Lisboa (ARRUDA, VALLEJO & FREITAS, 2000), Almaraz (HENRIQUES, 2007), Abul (MAYET & SILVA, 2000, p. 49-51) e Alcácer do Sal (SILVA *et al.*, 1980-1981; GOMES, 2016, p. 142-143), para citar apenas alguns dos sítios que se enquadram na área geográfica de onde são oriundas as peças estudadas neste trabalho.

Em geral, as taças em calote de esfera estão representadas indistintamente em lugares habitados e em necrópoles. No último caso, podem corresponder a oferendas, ou a “contentores” de oferendas, ou às tampas das urnas cinerárias, como é o caso de Medellín (LORRIO, 2008) e talvez de Alcácer do Sal (GOMES, 2016). No caso da necrópole de Medellín, onde a forma (A1A1) é a mais bem representada no conjunto da cerâmica cinzenta, foi possível verificar uma cronologia maioritariamente do século VI a.C., ainda que estas taças estejam presentes em sepulturas datadas ainda do último quartel do VII e em outras já dos inícios do V (LORRIO, 2008, p. 694).

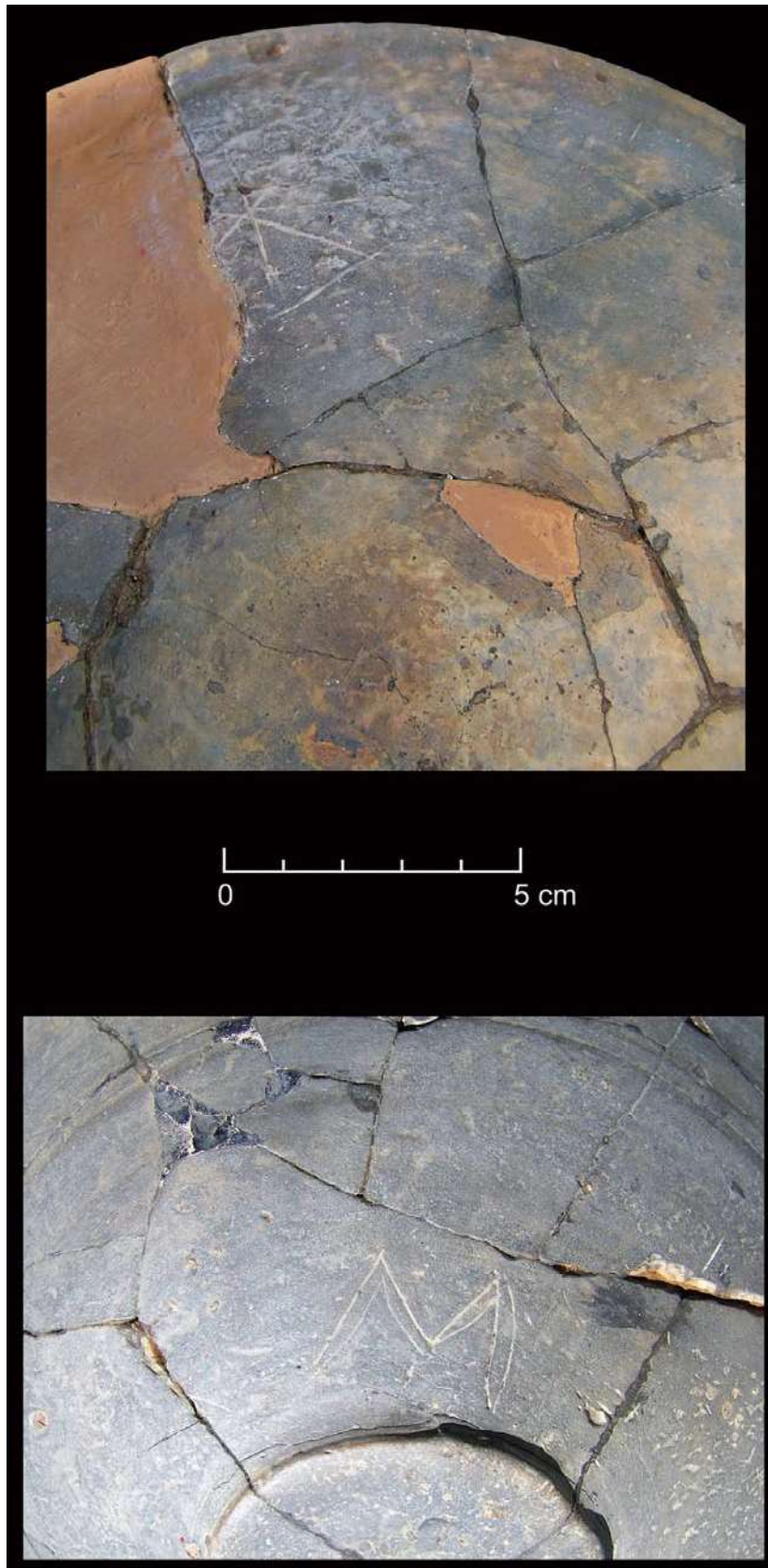


Fig. 4 – Vale da Palha. Pormenor dos dois grafitos observados respectivamente na face interna (em cima) e na face externa (em baixo) das taças 1 e 2. Fotos de J. L. Cardoso.

Infelizmente, da outra taça de cerâmica cinzenta descrita por Cunha Serrão aquando da publicação da necrópole (1974) nada se sabe, no que ao seu paradeiro diz respeito. Porém, a descrição efectuada por este arqueólogo possibilita, ainda que, naturalmente, com reservas, a sua inclusão na Forma A.II.1 de Vallejo Sánchez (2015, p. 150). A forma é frequente nos repertórios formais desta categoria cerâmica, sendo datável do século VI, se atendermos aos dados de Medellín (LORRIO, 2008, p. 696). A prudência desaconselha comentários extensos sobre a peça ou sobre os respectivos paralelos. Ainda assim, o seu enquadramento numa Idade do Ferro de características orientalizantes parece ser evidente, parecendo importante recordar que, no vale do Sado, é conhecida pelo menos em Abul (MAYET & SILVA, 2000).

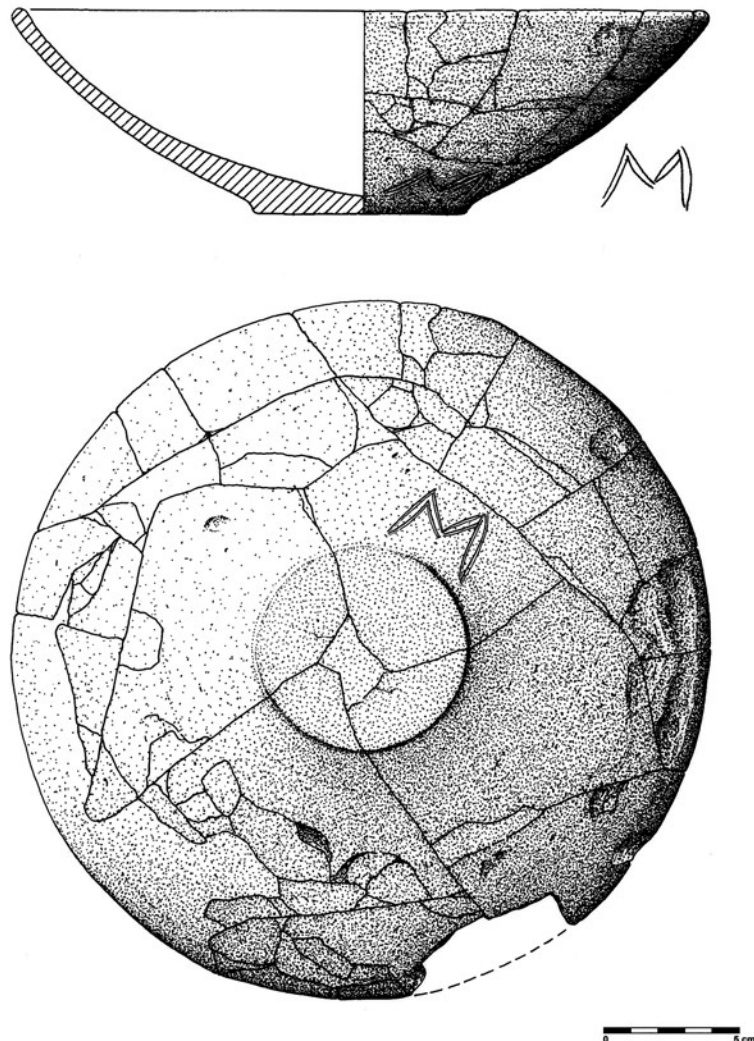


Fig. 5 – Vale da Palha. Desenho da taça n.º 2, possuindo grafito na face externa. Desenho de F. Martins.

7 – OS GRAFITOS

Uma particularidade das taças em calote da necrópole de Vale da Palha que é importante realçar consiste nos grafitos incisos pós-cozedura que se observam nas superfícies de ambas. Neste contexto, deve referir-se que são justamente os vasos pertencentes a esta categoria cerâmica que maior número de decorações e grafemas incisos exibem nas suas superfícies. Não surpreende, portanto, a situação ora verificada.

O primeiro grafito, gravado na superfície interna, corresponde a uma “estrela”, formada por cinco traços, quatro dos quais se cruzam entre si, e uma linha semicircular que os enquadra na metade inferior. Parece tratar-se de uma tentativa de representar uma estrela de cinco pontas, ou *pentalfa*, inscrita num círculo. Este grafito é recorrente na cerâmica cinzenta, sobretudo na área da Extremadura espanhola, recolhendo a que agora se estuda bons paralelos na necrópole de Medellín (LORRIO, 2008, p. 762, Fig. 849). Ainda assim, recorde-se que no território actualmente português o mesmo motivo foi identificado, por exemplo em Abul (MAYET & SILVA, 2000). Habitualmente, um significado mágico-religioso é atribuído a este símbolo, tendo Almagro Gorbea (2004, p. 25) relacionado o *pentalfa* com Astarté, defendendo que os vasos assim marcados continham oferendas dedicadas a esta divindade.



Fig. 6 – Vale da Palha. A taça n.º 2, possuindo grafito na face interna. Fotos de J. L. Cardoso.

O segundo grafito foi inciso na superfície externa, junto do fundo¹. Trata-se de um grafema, havendo argumentos para considerar estamos perante um signo pertencente ao semi-silabário do SW. De facto, o que parece um M latino não o será certamente, até porque o traço central é muito curto, não chegando à linha de apoio do grafema. Os traços laterais são efectivamente bastante mais compridos que o central, o que parece ser argumento suficiente para afastar a hipótese de estarmos perante um M do alfabeto latino, apesar de o traçado duplo e da inclinação das linhas laterais poderem apontar nesse sentido. Outra possibilidade a considerar seria a de esta incisão poder traduzir, se invertida, um signo do alfabeto fenício. Contudo, a cronologia para o W deste último, faria recuar para o século VII a.C. a taça sobre a qual está “escrito”, o que não sendo impossível parece, ainda assim, pouco adequado. De qualquer forma, ambas as duas últimas alternativas são possíveis, sendo de descartar por completo a latina, que se defendeu inicialmente (SERRÃO, 1974) e se continuou a aceitar sem reservas (FERREIRA *et al.*, 1993, p. 261; SERRÃO, 1994, p. 100-101; SILVA & SOARES, 1986, p. 202; CALADO *et al.*, 2009, p. 91).

A presença de grafemas do SW, ou fenícios, sobre cerâmicas cinzentas é, como já atrás se referiu muito comum nos sítios da 1.^a Idade do Ferro peninsulares, quer no litoral, quer no interior.

Os casos dos Cabezos de San Pedro e de La Esperanza, em Huelva, do Castillo de Doña Blanca, em Puerto de Santa María, de Montemolín e Alhonor, em Sevilha, do Cerro de Los Infantes e da Mesa de Fornes, em Granada, e do Cerro de Montecristo, em Almería, e de Peña Negra, em Alicante, são bons exemplos da primeira das realidades (VALLEJO SANCHEZ, 2015). Para o território actualmente português, pode chamar-se à colação Abul (MAYET & SILVA, 2000), também no território sadino, onde uma inscrição em caracteres do SW foi identificada sobre vaso de cerâmica cinzenta fina polida (CORREA, 2011). Castro Marim e Tavira (AMADASI GUZZO & ZAMORA, 2008) ofereceram, por outro lado, grafitos e inscrições em caracteres fenícios, respectivamente, uma vez mais sobre cerâmica cinzenta.

No interior, o território do Guadiana Médio é particularmente significativo no que a este aspecto diz respeito, destacando-se os grafitos grafemáticos de Medellín (ALMAGRO GORBEA, 1977, p. 268; LORRIO, 2008, p. 714-715) e de La Mata (RODRÍGUEZ DÍAZ, 2004).

A maior parte destes signos grafemáticos tem sido interpretados como marca de propriedade, o que pode também deduzir-se para o caso da necrópole de Vale da Palha, uma vez que se fosse indicativo da produção seria, certamente, pré-cozedura, o que não é, manifestamente, o caso da peça em estudo.

8 – A NECRÓPOLE DE VALE DA PALHA: CONSIDERAÇÕES FINAIS

As duas taças de cerâmica cinzenta da necrópole do Vale da Palha devem ser enquadradas na 1.^a Idade do Ferro. A morfologia e o fabrico, por um lado, e a estrela de cinco pontas e o grafema incisos nas suas superfícies, por outro, falam claramente nesse sentido. A restante peça, aparentemente de fabrico idêntico, não destoa, quanto à forma, do conjunto, a avaliar pela detalhada descrição do arqueólogo que o publicou (SERRÃO, 1974).

Assim, parece evidente que as sepulturas em que foram encontradas estariam incluídas numa necrópole sidérica de cistas de inumação, o que, sendo raro, não é inédito, mesmo na região, como é o caso da já referida necrópole do Casalão (SERRÃO, 1964; GOMES, 2013), a apenas cerca de 5 km de distância, com materiais

¹Os autores agradecem a José Ángel Zamora toda a ajuda prestada na leitura e interpretação deste grafito.

que podiam datar do século VI a.C., mas cuja cronologia de 14C permitiu avançar para os séculos IV-III a.C. Na mesma região, há outras ocorrências similares: é o caso do “tesouro do Gaio” (Sines), que foi recuperado numa cista com idêntico ritual funerário (COSTA, 1967; 1972), situação que recolhe paralelos no Alentejo interior, como em Corte Margarida (DEUS & CORREIA, 2005).

O ritual funerário associado a tais materiais é frequentemente a incineração, como se documentou em Alcácer do Sal (CORREIA, 1925; PAIXÃO, 1970) e em outros territórios mais longínquos, como Tavira (ARRUDA, COVANEIRO & CAVACO, 2008), e interiores, como Medellín (ALMAGRO GORBEA, 2008).

No Algarve, as sepulturas orientalizantes de tipo cista com inumações foram identificadas quer em Silves (BARROS *et al.*, 2008), quer em Bensafrim (ROCHA, 1975). Neste contexto, são também de referir as sepulturas do Cabeço da Vaca 1 (CARDOSO & GRADIM, 2006, 2008), bem como a de Cabeço da Vaca 2 (CARDOSO & GRADIM, 2008). As inumações estão presentes em outras necrópoles alentejanas, ainda que integradas em arquitecturas funerárias distintas, que nem sempre incorporam cistas. É o caso das ainda praticamente inéditas da área de Beja, mas com dados conhecidos em Palhais (SANTOS *et al.*, 2009), na Carlota (SALVADOR MATEOS & PEREIRA, 2012) e em Vinha das Caliças (ARRUDA *et al.*, no prelo) e das da região de Ourique (BEIRÃO, 1986).

As sepulturas de Vale da Palha incorporariam assim uma necrópole orientalizante da Idade do Ferro, o que faz sentido num quadro territorial profundamente marcado pelos contactos com o mundo mediterrâneo, como em Setúbal, em Abul e em Alcácer do Sal ficou claramente demonstrado.

O facto de, aparentemente, existirem, à superfície, materiais romanos, que nunca foram efectivamente descritos, não impossibilita esta conclusão, uma vez que uma ocupação desta cronologia pode ter acontecido sobre uma área sepulcral anterior. Aliás, não pode descartar-se a hipótese de o espaço ter mantido uma mesma função funerária, havendo a possibilidade de algumas sepulturas romanas se encontrarem no mesmo local. Sabe-se como é frequente este tipo de situações, onde áreas sacralizadas sobrevivem no tempo longo. Mas a existência de um cemitério da Idade do Ferro neste local é inquestionável, havendo dados suficientes para assumir sem quaisquer reservas.

AGRADECIMENTOS

A João Pinhal (Câmara Municipal de Sesimbra), por ter facultado o estudo das duas taças conservadas na Câmara Municipal de Sesimbra, e ainda por ter cedido a um de nós prova original em papel das escavações no Vale da Palha, que lhe havia sido oferecida por E. da Cunha Serrão.

REFERÊNCIAS

- ALMAGRO GORBEA, M. (1977) – *El Bronce Final y el Período orientalizante en Extremadura*. Madrid: CSIC.
- ALMAGRO GORBEA, M. (2004) – Inscripciones y grafitos tartésicos de la necrópolis orientalizante de Medellín. *Paleohispánica*, 4, p. 13-44.
- ALMAGRO GORBEA, M. (2008) – *La necrópolis de Medellín I*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- AMADASI GUZZO, M. G. & ZAMORA, J. A. (2008) – Un ostracón fenicio de Tavira (Portugal). *Vicino Oriente*, 14, p. 231-240.

- ARRUDA, A. M. (1999/2000) – *Los fenícios en Portugal: Fenícios y mundo indígena en el Centro y sur de Portugal*. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.
- ARRUDA, A. M.; BARBOSA, R.; GOMES, F.; SOUSA, E. (no prelo) – A necrópole da Vinha das Caliças (Beringel, Beja, Portugal). *Sidereum Ana*, 3. Mérida: CSIC.
- ARRUDA, A. M.; COVANEIRO, J.; CAVACO, S. (2008) – A Necrópole da Idade do Ferro do Convento da Graça, Tavira. *Xelb*, 8, p. 117-135.
- ARRUDA, A. M. & FREITAS, V. (2008) – O Castelo de Castro Marim durante os séculos VI e V a.n.e.. In: JIMÉNEZ ÁVILA, J. (Ed.) – *Sidereum Ana I. El río Guadiana en Época Post-Orientalizante*. Madrid: CSIC, p. 429-446.
- ARRUDA, A. M.; VALLEJO, J.; FREITAS, V. (2000) – As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3 (2), p. 25-59.
- BEIRÃO, C. M. (1986) – *Une civilization Protohistorique du Sud du Portugal*. Paris: de Boccard.
- BARROS, P.; BRANCO, G.; DUARTE, C.; CORREIA, J. (2008) – A cista dos Gregórios (Silves). *Xelb*, 5, p. 41-52.
- BELÉN, M. (1976) – Estudio y tipología de la cerámica gris de Huelva. *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, 79, p. 353-388.
- CALADO, D. *et al.* (2009) – O tempo do Risco. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.
- CARDOSO, J. L. & GRADIM, A. (2006) – A Necrópole da Idade do Ferro de Cabeço de Vaca I (Alcoutim). *Xelb*, 6, p. 203-226.
- CARDOSO, J. L. & GRADIM, A. (2008) – O núcleo II da necrópole da Idade do Ferro de Cabeço de Vaca (Alcoutim). *Xelb*, 8, p. 103-115.
- CARO, A. (1986) – *La cerámica gris a torno orientalizante de Andalucía*. Cádiz: Universidad de Cádiz.
- CORREA, J. A. (2011) – La leyenda indígena de las monedas de Salacia y el grafito de Abul (Alcácer do Sal, Setúbal). In: J. L. CARDOSO, J. L. & ALMAGRO GORBEA, M. (Eds.) – *Lucius Cornelius Bocchus escritor lusitano da Idade da Prata da literatura latina*. Lisboa / Madrid: Academia Portuguesa da História / Real Academia de la Historia, p. 103-111.
- CORREIA, V. (1925-1972) – Uma conferência sobre a Necrópole de Alcácer do Sal. In: *Obras*. Volume IV, *Estudos Arqueológicos*. Coimbra: Universidade de Coimbra, p. 151-168.
- CORREIA, V. (1928-1972) – Escavações realizadas na Necrópole Pré-Romana de Alcácer do Sal em 1926 e 1927. In: *Obras*. Volume IV, *Estudos Arqueológicos*. Coimbra: Universidade de Coimbra, p. 169-179.
- COSTA, J. M. (1967) – O tesouro Fenício ou Cartaginês do Gaio (Sines). *Ethnos*, 5, p. 529-537.
- COSTA, J. M. (1972) – O tesouro púnico-tartéssico do Gaio. *Actas das II Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 97-120.
- DEUS, M. & CORREIA, J. (2005) – Corte Margarida. Mais uma necrópole orientalizante no Baixo Alentejo. In: CELESTINO PÉREZ, S. & JIMÉNEZ ÁVILA, J. (Coords.) – *El Período Orientalizante*. Madrid: CSIC, p. 615-618.

- FERREIRA, C. J. *et al.* (1993) – *O património arqueológico do distrito de Setúbal. Subsídios para uma carta arqueológica*. Setúbal: Associação de Municípios do Distrito de Setúbal.
- GOMES, F. (2013) – Uma necrópole esquecida? O Casalão de Santana (Sesimbra). *Herakleion*, 6, p. 77-94.
- GOMES, F. (2016) – *Contactos culturais e discursos identitários na I Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-V a.n.e.): leituras a partir do registo funerário*. Tese de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- HENRIQUES, S. (2006) – *A Cerâmica Cinzenta da Idade do Ferro da Quinta do Almaraz, Almada, Cacilhas*. Tese de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- LORRIO, A. (2008) – Cerâmica gris. In: ALMAGRO GORBEA, M. (Dir.) – *La necrópolis de Medellín. II. Estudio de los hallazgos*. Madrid: Real Academia de la Historia. p. 673-723.
- MANCEBO, J. (1994) – Consideraciones sobre la cerámica gris a torno de Montemolín (Sevilla). *Zephyrus*, 48, p. 105-111
- MAYET, F. & SILVA, C. T. (2000) – *L'établissement phénicien d'Abul. Portugal*. Paris: Diffusion du Bocard.
- PAIXÃO, A. C. (1970) – *A necrópole do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal. Novos elementos para o seu estudo*. Tese de Licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- ROCHA, A. S. (1905/1908) – Estações pre-romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira. *Portugalia*, 2, p. 301-356.
- ROCHA, A. S. (1975) – A necrópole proto-histórica da Fonte Velha, em Bensafrim. In: *Memórias e Explorações Arqueológicas*. Volume 3, *Memórias sobre a Antiguidade*. Coimbra: Universidade de Coimbra, p. 127-141.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A. (2004) – *El edificio proto-histórico de “La Mata” (Campanario, Badajoz) y su estudio territorial*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- ROSS, A. M. (1982) – Acerca de la antigua cerámica gris a torno de la Península Ibérica. *Ampurias*, 44, p. 43-70.
- SALVADOR MATEOS, R. & PEREIRA, J. A. (2012) – A “Necrópole” da Carlota (São Brissos, Beja) no contexto cultural da Iª Idade do Ferro no Baixo Alentejo: dados preliminares. *Actas do V Encontro de arqueologia do Sudoeste*, Almodôvar: Câmara Municipal, p. 317-330.
- SANTOS, F.; ANTUNES, A. S.; GRILO, C.; DEUS, M. (2009) – A necrópole da Idade do Ferro de Palhais (Beringel, Beja). Resultados preliminares de uma intervenção de emergência. *Actas do IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva, p. 746-804.
- SERRÃO, E. C. (1964) – *A necrópole proto-histórica do Casalão, Sesimbra*. Setúbal.
- SERRÃO, E. C. (1974) – A estação arqueológica do Vale da Palha (Calhariz). *Estudos Arqueológicos*, 1, p. 129-142.
- SERRÃO, E. C. (1994) – *Carta Arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.
- SILVA, C. T. & SOARES, J. (1986) – *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.

SILVA, C. T.; SOARES, J.; BEIRÃO, C. M.; DIAS, L. F.; COELHO-SOARES, A. (1980-1981) – Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (Campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*, 6-7, p. 149-218.

SOUSA, E. (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo*. Lisboa: UNIARQ.

VALLEJO SÁNCHEZ, J. I. (2015) – *Las cerámicas grises orientalizantes de la Península Ibérica*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Sevilha. Edição policopiada.